

# O grande baile

**P**aris – “Cá e lá, más fadas há”, nos ensinaram os portugueses. Não é diferente da pauta brasileira, a pauta européia, mergulhada na discussão sobre previdência social, aposentadorias, juros e dólar.

Temos uma vantagem. Não estamos no olho do furacão do rescaldo da guerra do Iraque, com os americanos sedentos de castigos aos países que não se alinharam em sua aventura militar. Leia-se França e Alemanha.

O euro sobe, o dólar cai. No Brasil, a mesma coisa com o real. Só que na Europa a leitura é negativa. Atribuem esse tobogã a uma manobra americana para prejudicar as exportações da CEE e favorecer o retorno do crescimento dos Estados Unidos.

Sobre a inatividade, uma onda de greves é desencadeada com a perspectiva do aumento da idade limite para aposentadoria. A esquerda – que ainda há esquerda na Europa – é acusada de ser a mais



**JOSÉ SARNEY**

PRESIDENTE DO SENADO

conservadora do mundo. Envelheceu. E como os velhos, só fala do passado, contando histórias em que revive seus sofrimentos.

A pauta mundial é uma só, feita pelo grande círculo de fogo do neoliberalismo, tendo a comandá-lo, dominante única e sem contraste, a potência americana.

Quanto aos juros, os mesmos pedidos são feitos para baixar. Enquanto os EUA praticam taxas de 1,25%, os europeus estão no patamar (que palavra chata) dos 2,5%, o que importa em perda do poder de competição.

Na verdade, os governos perdem a capacidade de alterá-los, espremidos num espaço muito pequeno de decisão autônoma.

Depois que Greenspan popularizou de volta a lei de que o segredo da estabilidade está no rígido controle da moeda, há um Banco Central mundial, invisível mas eficaz, que controla tudo, e está nos Estados Unidos, com suas reservas e o poder inesgotável de emitir moeda conversível. Como exemplo, seu déficit atual é o maior de sua história, 500 bilhões, e não acontece nada.

Nosso Copom, dentro dessa difícil operação, não tem o que escolher. Tem de agir com as armas da realidade. O presidente Lula não pode, em nenhum instante, tornar-se vulnerável a uma leitura de correr riscos. É que, com ou contra nossa vontade, participamos de uma grande baile, o baile do tempo que vivemos.

Há pouco, o salão era ocupado por dança de *pas de deux*. Estados Unidos e União Soviética, burgueses e proletários, igrejas e ateísmo, revolução e reforma, tudo num equilíbrio mantido pelo medo da confrontação.

Hoje, nosso baile tornou-se menos monótono e mais aberto. Nem por isso menos perigoso. Os Estados Unidos dançam com o Iraque, que muda de dama, mas continua no baile; judeus e palestinos estão agarrados; as civilizações se entrelaçam e o islamismo quer outra música.

A paisagem social é o pano de fundo que decora o salão. Nele, a exclusão pela falta de trabalho explica a matança maciça dos empregos.

No baile, juros e dólar seguem o ritmo de um minueto que ainda não acabou.

E Fukuyama ainda fala que chegamos no fim da história. No Brasil, os índios protestam no Congresso contra a taxaço dos inativos. Ouviram errado: é que lhes disseram que iam taxar os nativos na reforma da Previdência. E de equívoco em equívoco segue o grande baile do mundo e da política.

*O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras*